



Memorias del confinamiento

Jorge Bruce¹

1 - SPP (Perú).

Título Traducido

Memórias do Confinamento

*Ahí estábamos por irnos y no.
Antonio di Benedetto (Zama)
(Estávamos aí para ir e não)*

Em seu clássico texto sobre o estrangeiro, Julia Kristeva (1988) reflete sobre essa condição no capítulo inicial, “Tocata e Fuga para o Estrangeiro”. Não obstante, logo se depreende que seu estrangeiro é o imigrante ilegal dos países pobres – em geral provindos de antigas colônias europeias e com frequência mulçumanos – que chegam por qualquer meio ao Primeiro Mundo em busca de sustento ou sobrevivência. É o que denomina Edward Said (1997,2003) “Orientalismo”. Uma visão europeizante do exótico, valiosa, mas não universal: “De pronto sua singularidade nos impacta: seus olhos, seus lábios, essas maçãs de rosto, essa pele que não é como as outras, os distinguem e nos lembram que aí há *alguém*”. (...) “Sente certa admiração por quem os acolheu, pois com frequência considera-os superiores a si próprio, seja material, política ou socialmente.” (pp. 12 e 16, tradução própria).

Nas sociedades latino-americanas vivemos do outro lado do espelho.

Para nós a palavra estrangeiro, em muitas ocasiões, compreende, *contraio sensu*, sentidos de prestígio e privilégio. No Peru se diz, por exemplo, “casou-se com suíço (a)”. O que se subentende como uma situação de sorte, uma bolsa de estudos ou loteria; talvez por isso suprima-se o artigo indefinido, para fixar o significante, ir ao ponto. O estrangeiro não é o boliviano, chileno ou equatoriano, mas o europeu, o norte-americano (exceto o mexicano). Alguém invejado, desejável, cujos bens ou passaporte são cobiçados pois significam, parafraseando Kristeva, a fuga ao estrangeiro (previa tocata). A perspectiva inverte-se, os valores também[1].

Existe um extenso *corpus* sobre a literatura da fronteira, na fronteira. É célebre a *Border Trilogy* de Cormac McCarthy (1999). Mais recente é a trilogia de Don Wilmslow (que declarou ter suspenso seu trabalho literário para dedicar-se a impedir a reeleição do Presidente Trump, o que faz de sua recusa em relação aos imigrantes do sul do Rio Grande, um de seus cavalinhos de batalha. A trilogia de *The Power of the Dog* inicia-se com esse título (2005), continua com *The Cartel* (2025) e conclui com *The Border* (2019). Ambos são escritores estado-unidenses e a fronteira é a que separa seu país do México. Daí para baixo, vimos todos nós.

Convém, portanto, centrarmos-nos na forma como nossos escritores abordaram esse território fronteiriço, em todas as suas acepções. Meu predileto, por razões que vou tentar explicar, é o argentino Antonio di Benedetto em sua novela “Zama”, (1956, 2017. Lucrecia Martel dirigiu um filme baseado nessa novela que, enquanto escrevo, vejo no Youtube.

Diego Zama é um funcionário do império espanhol no século XVIII (o ano é 1790). Está exilado há quatorze meses no Paraguai, esperando ser trasladado para Buenos Aires. Sua desgraça, o motivo de sua degradação, é não ser espanhol de nascimento, mas crioulo. “Americano”, como lembra J.M. Coetzee (2017) no ensaio a que dedica-lhe (a frente voltaremos a este texto).



Desesperado para restaurar o brilho de seus brasões, Zama tenta realizar a façanha de prender Vicuña Porto, o bandido mais temido da região, que contribuiu para a rebelião dos índios. Talvez então recupere seu posto de corregedor e sua proeminência na coroa.

O medular para os fins desta exposição é o caráter extremo em que se encontra Zama, nos confins do império. O exílio é vivido pelo protagonista tanto no sentido de estranheza do cosmopolitismo da capital e da sua perda de reconhecimento pelo império espanhol (aguarda uma carta do vice-rei que nunca receberá), como na maneira progressivamente exagerada em que se manifestam suas pulsões eróticas e autodestrutivas. Também por esse aspecto nos situamos nos confins. Aí onde a lei desaparece e reina o desgoverno, a confusão. Fronteiras mentais, culturais, territoriais.

Esta imagem da vida nas zonas sem alma, na beira, aí onde impera a lei da força, há tantas leituras, como leitores. Di Benedetto era um *mendocino* (proveniente de Mendoza) um provinciano (palavra que provem do império romano: *Pro Vinci*, onde vivem os vencidos), chefe de redação do jornal Los Andes. O próprio Borges interessou-se pela qualidade de seu trabalho (“escreveu páginas essenciais que me emocionaram e que continuam emocionando-me”) e convidou-o para dar uma conferência em Buenos Aires. Nunca estivera no Paraguai antes de escrever sua novela. Quando por fim lá esteve, surpreendeu-se pela similitude entre a natureza da zona e suas próprias descrições, fruto de inqueritos livrescos na biblioteca da Universidade de Córdoba e de sua imaginação criadora. Trabalho do sonho, trabalho de luto, trabalho da criação: os três grandes trabalhos da alma, como nos ensinam Freud e Didier Anzieu (1981).

Em 24 de março de 1976 foi encarcerado pela ditadura cívico-militar conhecida com o apropriado apelativo kafkiano de O Processo. (di Benedetto era um grande admirador de Kafka, o que acresce uma ironia feroz às torturas em sofridas em mãos de seus carrascos). Sofreu, então, na própria carne, o desencadeamento de pulsões tanáticas que havia intuído em Zama, das quais ainda não se recuperou (“Creio que nunca saberei se fui preso por algo que tenha publicado. Meu sofrimento teria sido menor se alguma vez tivessem me dito exatamente o motivo, mas nunca o soube, esta incerteza é a mais horrorosa das em torturas”). A sombra de Kafka viajou de Praga a Buenos Aires.

Em Zama as fronteiras, assim como a noção de estrangeiro, adquirem a noção de alteridade, uma dimensão que contrasta com o olhar de Julia Kristeva. No século XVIII, como agora, a identidade latino-americana está presa como o cadáver daquele macaco, entre os juncos do rio, no início da novela. Não é em vão estar a obra dedicada “às vítimas da espera”. Da espera, não da esperança, afirma di Benedetto ao jornal El País, da Espanha, país em que foi viver depois de ter sido libertado dos calabouços de tortura da ditadura, graças à intervenção de escritores como Borges, Sábato ou Böll. O “americano” chegou à sede do império, mas já era tarde. O império, como ele, já estava quebrado. A esperança, dizia Savater, foi a última que se perdeu.

No ensaio a ele dedicado, o Prêmio Nobre sul-africano J.M. Coetzee enfatiza como Zama sonha em recuperar o paraíso perdido: não só o que o separou de sua esposa e filho, mas sonha também poder amar uma europeia (um brichero *avant la lettre*):

“- Estarei falando com um espanhol ou um americano?

E ele, incontinente, replicou-me:

- Espanhol, senhor! Mas um espanhol cheio de assombro ante tantos americanos que querem parecer espanhóis ao invés de ser eles mesmos o que são”. (p. 58)

Nesse olhar alienado do colonizado, Zama nos representa. Mas também configura a liberdade que nos aguarda. Nas palavras de Coetzee: “suas ações do dia a dia são ditadas pelas exigências de seu inconsciente, ou pelo menos de seu interior, pelo qual não faz o menor esforço para controlar de maneira consciente. Seu prazer narcisista inclui o prazer de nunca saber o que



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANALISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



vem depois, e portanto *de ser livre para inventar-se conforme avança*". (p. 166, os itálicos e a tradução são meus). Cabe dizer que Coetzee escreveu *Esperando os Bárbaros* (1980), uma novela que se diria inspirada em Zama, mas prévia à sua leitura do texto do argentino, traduzido para o inglês por Ester Allen em 2016.

Intitulei este texto, "Memórias do Confinamento", tendo em mente as Memórias do Subsolo, de Dostoiévski, de 1864. A pandemia nos confinou, com ou sem proibição do Governo. O vírus estabeleceu fronteiras tão invisíveis como aterradoras. Assim como a Zama, nos exilou, confrontando-nos com compensações sádicas que abalam os porões de nossa identidade. Como psicanalistas, nos vemos forçados a revisitar: do setting à transferência, da neutralidade aos limites e alcance de nossas intervenções. E ainda submeteu nossos vínculos mais íntimos a uma tensão insuportável.

Éramos felizes e não sabíamos, reza uma frase banal. Haveria que acrescentar: estávamos adormecidos e não nos dávamos conta. De golpe a ameaça nos lançou à beira do rio e contemplamos o cadáver do macaco entre os juncos. Teríamos que refazer o início deste parágrafo. Vivíamos na fronteira e não sabíamos. Ou havíamos esquecido. O confinamento nos lembra uns confins que, se me permitem a aliteração, nos definem. Como Zama, somos americanos, latino-americanos. Estamos a cavalo entre nossa condição crioula (Bruce, 2015), pós-colonial, e esse olhar fascinado pela tradição Ocidental, que Borges sintetiza afirmando ser nossa tradição toda a cultura Ocidental, quer dizer, o universo.

Mas não. A nossa é a fronteira. Como psicanalistas e como latino-americanos. Prosseguimos indo e não.

[1] Em Cusco, a outrora capital do império inca, são chamados "bricheros" comparando-os a um desses estrangeiros dos países ricos. Curiosa volta do parafuso: os descendentes dos incas andam agora à caça dos descendentes dos conquistadores.

Leda Herrmann